



**Uma análise socio-estilística e literária de *A jangada de pedra*, de José Saramago:
reflexões sobre a seleção e a combinação na língua**

A socio-stylistic and literary analysis in *The stone raft*, by José Saramago: reflections on
selection and combination in the language

Elisane Regina Cayser¹

Gisele Benck de Moraes²

Ivânia Campigotto Aquino³

Resumo: As estruturas da língua são assimiladas ao longo do uso que se faz delas, o que permite reconhecê-las e atribuir-lhes sentidos. É a esse aspecto que se volta este estudo, analisam-se palavras formadas pelo processo de derivação presentes na obra *A jangada de pedra* com vistas a apontar a produtividade do sistema da língua na compreensão dos vocábulos, bem como os efeitos de sentido criados com combinações morfológicas diversas daquelas estabelecidas paradigmaticamente. As reflexões se fundam em Saussure (2003).

Palavras-chave: Sintagma e paradigma. Formação de palavras. Efeitos de sentido.

Abstract: Language structures are assimilated during their use, which allows recognizing and assigning meaning to them. The present study is directed to this aspect, analyzed words formed by the derivation process present in the work *The Stone Raft* aiming to indicate the productivity of the language system in understanding vocabulary, as well as the meaning effects created with morphological combinations different from those established paradigmatically. The reflections are based on Saussure (2003).

Keywords: Phrase and paradigm. Word formation. Meaning effects.

Introdução

A estrutura da língua está intimamente relacionada ao seu uso, cujos padrões podem ser estudados observando-se as escolhas que o usuário efetivamente faz e os efeitos de sentido alcançados com elas.

¹ Doutora em Letras (UPF); ecayser@upf.br

² Doutora em Letras (Unisinos); Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do curso de graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF); gbenck@upf.br

³ Pós-Doutora em Letras (Ufrgs); Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do curso de graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). ivania@upf.br

No processo de criação literária, por exemplo, não raros autores se valem de arranjos inusitados entre elementos mórficos das palavras com vistas à criação de efeitos de sentido específicos, como o de novidade, de estranhamento. Embora não usuais no linguajar cotidiano, esses arranjos são passíveis de compreensão por analogia com outras combinações do sistema da língua.

É sobre isso que trata o presente artigo. Nele, analisam-se palavras formadas pelo processo de derivação encontradas na obra *A jangada de pedra*, de José Saramago (2017), com vistas a apontar a produtividade do sistema da língua na compreensão dos vocábulos, bem como os efeitos de sentido criados com combinações morfológicas diversas daquelas estabelecidas paradigmaticamente, embora previstas em nível sintagmático.

A opção por analisar uma das obras de José Saramago se dá pela notória importância do escritor para o reconhecimento da prosa em língua portuguesa, fato que o levou a ser premiado com o Nobel de Literatura de 1998, pela revisitação histórica que suas obras proporcionam, questionando os valores e as crenças de determinados períodos, mas especialmente pelas características discursivas do autor, como a exploração ímpar da pontuação e de processos de formação de palavras peculiares, com a anexação, a um radical, de prefixos ou sufixos distintos dos comumente utilizados.

Nesse sentido, é preciso destacar o fato de que embora o português seja o idioma oficial tanto do Brasil quanto de Portugal, a língua utilizada em um e outro país se distingue em alguns aspectos, dentre os quais destacamos: alguns itens de vocabulário (*história em quadrinhos*, no Brasil/*banda desenhada*, em Portugal), manutenção/eliminação fonética de algumas vogais em posições átonas (*menino*, no Brasil/*m'nino*, em Portugal), emprego do gerúndio/da preposição *a* + verbo no infinitivo (*Estou lendo um livro*, no Brasil / *Estou a ler um livro*, em Portugal). Em termos morfológicos, é de se esperar que também haja alterações, as quais ocorrem mesmo dentro do território brasileiro (*O carro foi para a lavagem*, no Rio Grande do Sul/*O carro foi para a lavação*, em Santa Catarina). Na obra *A jangada de pedra*, é possível perceber que algumas marcas lexicais e sintáticas do português de Portugal foram apagadas no processo de adaptação ao mercado brasileiro, enquanto outras, em nível morfológico, não parecem ter sofrido alteração, apesar de não corresponderem ao registro utilizado no Brasil.

É justamente a esses termos que nos dedicamos neste artigo, buscando demonstrar que o estranhamento que causam ao leitor brasileiro não implica uma

dificuldade no entendimento do texto, dado que o eixo paradigmático permite, por analogia, chegar ao significado de determinado termo. Pelo contrário, essas ocorrências acabam por ajudar a forjar a própria imagem particular do narrador, como sujeito criativo.

Como aporte teórico basilar, serão utilizados os estudos de Saussure (2003), especialmente os relativos aos eixos paradigmático e sintagmático.

Assim, a partir do tema de investigação, apresenta-se na primeira parte deste artigo explicações acerca da língua como sistema. Na segunda, discorre-se a análise dos sentidos a partir da morfologia em *A jangada de pedra*. Por último, são apresentadas as reflexões finas dessa investigação.

A língua como sistema: seleção e combinação dos elementos

Para Saussure (2003), a língua constitui-se em um sistema com determinadas funções e combinações possíveis, correspondendo, portanto, a uma virtualidade. É dessa virtualidade posta em prática que surge a realização individual da língua, caracterizada por escolhas subjetivas, mas não totalmente livres, dado que a língua é um sistema social.

Tal realização “individual” precisa ser devidamente especificada: ao mesmo tempo em que cada sujeito coloca a língua em prática de uma diferente forma e a partir de um determinado contexto, cada vez único, há uma grande parcela de convencionalidade nas escolhas que faz. Isso porque, basicamente: 1) ninguém é totalmente inédito, haja vista que a potencialidade da forma como se lida com a língua já está intrinsecamente inscrita nela; 2) no caso de, desconsiderado o pressuposto anterior, um sujeito fazer uma combinação linguística totalmente inédita, ainda não prevista no sistema da língua, essa combinação não seria linguisticamente reconhecida pelos seus pares, uma vez que os demais usuários não seriam capazes de atribuir-lhe um sentido pela incompatibilidade com os parâmetros existentes.

Evidencia-se, então, a dicotomia língua/fala, sendo que o paradoxo resultante dessa dicotomia fixidez *versus* mobilidade está presente em todos os níveis de organização da linguagem verbal: da realização dos sons, passando pela formação de palavras e se estendendo à estrutura das frases e à sua organização em textos.

Todos esses níveis são compostos por unidades que, por sua vez, são combinadas e, assim, atualizadas no que Hjelmslev (2006) define como *processo. Sistema e processo*

são, pois, dois termos-chave na teoria hjelmsleviana, para a definição dos quais o estudioso parte dos preceitos de Saussure. Em Hjelmslev, o *sistema* se refere à virtualidade, às possibilidades da língua, enquanto o *processo* é a realização dessas virtualidades.

As combinações de elementos ocorrem, como já referido, em diferentes níveis. Foneticamente, é possível combinar consoante + vogal + consoante + vogal de modo praticamente infinito, criando palavras que fazem parte do repertório da língua portuguesa como *soma / sopa / pato / topa / etc.* No entanto, a sequência *paso* não é prevista na língua. Muito embora o vocábulo *paso* possa ser reconhecido como tal, ou seja, como um vocábulo, em um enunciado não é possível atribuir a ele um sentido. Isso significa que apesar de a sequência ser possível no sistema, ela não se torna integrante significativo do processo linguístico, pois seu sentido não pode ser atualizado.

No nível morfológico, também é o sistema que permite combinar um determinado radical a um sufixo, podendo formar, inclusive, uma palavra de outra classe gramatical que não a mesma da palavra original: da combinação do verbo *fisgar* ao sufixo *-ada* surge a palavra *fisgada*. Tem-se, no caso, um vocábulo que pertence à classe gramatical dos verbos que, acrescido de um sufixo, dá origem a uma palavra da classe dos substantivos. O morfema *-ada*, que transmite a ideia de ação ou movimento enérgico, confere ao substantivo *fisgada* o caráter de rapidez e de agudeza da dor.

Exemplos de combinações morfológicas distintas das usualmente empregadas pela comunidade linguística são frequentes, e normalmente causam estranhamento em quem lê/ouve: um caso amplamente divulgado pela mídia ocorreu quando da transmissão de um jogo da Seleção Brasileira de Futebol, oportunidade em que chamou a atenção a roupa utilizada pelo então técnico da Seleção, Dunga. Questionado sobre o estilo, o técnico respondeu que “o combinamento” fora uma sugestão da sua filha. A utilização do sufixo *-mento*, em lugar de *-ção*, gerou duras críticas a Dunga, como comumente acontece em situações do tipo, tendo sido atribuídos a ele adjetivos pouco elogiosos que nada mais demonstram que preconceito linguístico e desconhecimento da forma como funciona a língua. Afinal, há muitos sufixos cujos significados são equivalentes.

No nível sintático, os termos se associam, formando textos e mantendo, entre si, uma relação de codependência. Determinados espaços podem ser ocupados por elementos distintos: o sujeito de uma frase pode estar representado por um substantivo – Antônio – ou por um pronome – ele –, mas não por um artigo definido, por exemplo.

Um adjetivo pode ser posposto a um substantivo ou anteposto a ele. Porém, há de se observar que, em geral, essas alterações – e outras tantas possíveis – não são aleatórias e criam diferentes efeitos de sentido no enunciado. É o que ocorre em *festa bruta* e *bruta festa*: no primeiro caso, tem-se o adjetivo significando *violenta*, *brutal*, enquanto no segundo caso o adjetivo veicula o sentido de grandiosidade.

Enfim, essas considerações comprovam que os arranjos estruturais da linguagem estão ancorados em dois eixos distintos e relacionados entre si: o paradigmático e o sintagmático. Essa divisão é originária de Saussure (2003)⁴. Sobre as combinações sintagmáticas, o linguista diz que

no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude do seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Esses elementos se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas (SAUSSURE, 2003, p. 142).

Assim, o sintagma não se constitui de forma isolada, através de um só termo – ele é composto por elementos que mantêm relação entre si, em um âmbito bem mais amplo do que o do item lexical, muito embora possa aparecer, eventualmente, isolado, como em uma ordem dada por alguém – Pare! –, em que há um contexto discursivo no qual o item está inserido de forma significativa.

No que diz respeito às relações paradigmáticas ou associativas, Saussure (2003, p. 143) lembra que há uma relação virtual entre as diferentes unidades comutáveis em um dado contexto linguístico, numa espécie de eixo vertical de possibilidades que existem *in absentia*, ou seja, em substituição umas às outras, e não em combinação – *in praesentia* –, como ocorre no eixo sintagmático. Dessa forma, no eixo associativo há uma relação entre leitor, leitura, biblioteca, por exemplo, sendo que apenas um elemento pode ocupar determinado espaço em um enunciado, embora qualquer um possa ser comutado por outro. Os elementos substituíveis estão, portanto, em relação paradigmática.

Nos textos literários, porém, o paradigma pode ser quebrado se o intuito é causar, no leitor, um estranhamento em relação ao uso da língua, fazendo com que o texto ganhe

⁴ Saussure, originalmente, usou os termos *seleção*, para *paradigma*, e *combinação*, para *sintagma*.

matizes diferenciadas. É o que se vê, por exemplo, nos textos de Saramago, especificamente na obra *A jangada de pedra*, a qual submetemos à análise.

Uma análise da morfologia em *A jangada de pedra*: o que os arranjos de Saramago mostram sobre o paradigma e o sintagma da língua

A principal estratégia para a ampliação lexical é a formação vocabular a partir de morfemas já existentes na língua (BASÍLIO, 1987). Esses novos termos, inscritos em contextos sintáticos distintos e cada vez únicos, criam, dadas as suas características, novos campos semânticos e, portanto, possuem uma função discursiva, atendendo a uma necessidade expressiva ímpar e expressando aspectos subjetivos daquele que diz.

Nem sempre novas palavras são utilizadas para suprir uma lacuna existente na língua para designar algo. Elas podem servir, sim, a um interesse do enunciador em expressar algo de forma inédita, tendo a ver, portanto, com a ideia de autoria e de estilística. Isso implica dizer que a inserção de um termo novo, em um texto, foge do uso comum da língua e cria um item lexical que, como diz Câmara Jr. (1985, p. 63), mostra “quão fundo, na linguagem, penetra a atividade estilística e como os impulsos de manifestação e do apelo podem insinuar-se até nesse âmbito de consubstanciação linguística dos conceitos”.

As criações lexicais têm, pois, efeitos de sentido estilísticos, sendo especialmente comuns no texto literário, demonstrando a criatividade lexical do autor que, conhecendo amiúde a língua, é capaz de rearranjar as unidades morfológicas e criar novas unidades até então não contempladas no dicionário. A criatividade instaura diferentes efeitos de sentido por meio do estranhamento causado no leitor frente à nova situação lexical que integra um contexto linguístico específico. Cardoso (2010, p. 218), em artigo sobre os cruzamentos lexicais no discurso literário, aponta Guimarães Rosa, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos e Carlos Drummond de Andrade como exemplos de autores-criadores, por, segundo suas palavras, utilizarem “em seus textos mesclas lexicais que funcionam como unidades discursivas responsáveis por traduzir a expressão do sentimento”.

Sabendo dessa íntima ligação da formação lexical com a literatura, reitera-se a intenção, já exposta na introdução deste trabalho, de analisar a exploração de novos padrões morfológicos por parte de José Saramago no livro *A jangada de pedra*,

apontando a produtividade do sistema da língua e os efeitos de sentido instaurados com o estabelecimento desses termos.

No entanto, antes disso é preciso retomar uma observação já feita na introdução deste artigo: a edição brasileira do livro sob análise é de 2017, sendo, portanto, posterior à Reforma Ortográfica resultante do Acordo firmado em 1990 entre os oito países que usam a língua portuguesa. Sabe-se, obviamente, que o Acordo tratou de aspectos ortográficos em termos gerais, e não de aspectos morfológicos em específico; sabe-se, também, que o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa teve apenas o intuito de padronizar a grafia nos países que falam o idioma português, não incluindo o processo de formação vocabular, que continua sujeito, portanto, às variações típicas da língua (PAZ; PINTON; ROTTAVA; ENDRUWEIT, 2008, p. 13) – fato que pode ser exemplificado pela variação já mencionada na introdução do artigo entre o substantivo *lavagem*, utilizado no Rio Grande do Sul e formado por meio da união do radical + sufixo *-agem*, e o substantivo *lavação*, formado pelo radical + sufixo *-ção*, utilizado em Santa Catarina, ambos os termos significando *local onde se lava* (o carro, por exemplo). Em função disso é possível afirmar, portanto, que o *corpus* selecionado para este trabalho independe de questões pertinentes ao Acordo Ortográfico.

Por outro lado, dadas as peculiaridades existentes entre a língua usada nos dois países, as obras de autores portugueses são adaptadas (em termos de linguagem) quando para a publicação no Brasil, assim como a obra de autores brasileiros são adaptadas quando da publicação em Portugal.

Assim, as ocorrências foram selecionadas para as análises tendo em vista a discrepância entre elas e o emprego comum da língua no Brasil e, especialmente, os sentidos instaurados no texto, através da materialidade linguística. É preciso lembrar, para fins de análise, que há uma nítida intenção autoral na utilização de novos termos. Isso permite concluir sobre um perfil do narrador que se constrói com a recorrência de certas estratégias discursivas.

Dito isso, é possível, então, passar à análise propriamente dita, de algumas das formações lexicais utilizadas por Saramago em *A jangada de pedra* e os efeitos de sentido criados elas.

Eis um dos casos, em que se tem a palavra *rebertamento*:

Aqui teria cabimento a lamentação primeira de não ser libreto de ópera este verídico relato, que se o fosse fariamos avançar à boca

de cena um concertante como nunca se ouviu, vinte cantores, entre líricos e dramáticos de todas as coloraturas, garganteando as partes, uma por uma ou em coro, sucessivas e simultâneas, a saber, a reunião dos governos espanhol e português, o *rebetamento*⁵ das linhas de transporte de eletricidade, a declaração da Comunidade Econômica Europeia (SARAMAGO, 2017, p. 33).

Na língua portuguesa utilizada no Brasil, tem-se o substantivo *rebentação* (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008, p. 1074)⁶ como de uso cotidiano, e não o substantivo *rebetamento*. A derivação, em ambos os casos, é feita a partir do verbo *rebentar*. No entanto, no Brasil a combinação do radical é feita com o sufixo *-ção*, e não com o sufixo *-mento*, como acontece no trecho transcrito. O emprego inusitado acaba por acrescentar um caráter de surpresa também ao fato relatado – a separação da Península Ibérica do restante do continente europeu. Contudo, têm absolutamente o mesmo sentido, em se tratando de carga semântica, os termos *rebentação*, *arrebentação* e *rebetamento* – todas as formas cabem perfeitamente no sintagma construído no contexto. Trata-se, por isso, de uma alteração do sentido em termos de efeito, de registro de autoria e de estilo. *Rebetamento* é um termo corrente em Portugal, mas na adaptação à publicação brasileira poderia, assim como outras características lusas, ter desaparecido. A opção por manter esse item, dessa maneira, auxilia a construir o estilo do enunciador. Também interessa perceber que apesar de não utilizada no português do Brasil, a palavra não impossibilita a compreensão, o que ocorre em função da relação associativa que o usuário da língua cria com outros casos de formação morfológica idêntica, tais como *fingimento*, *escoamento*, *fechamento*, ou seja, procedendo a uma analogia no eixo paradigmático.

Situação semelhante ocorre no segmento abaixo com o vocábulo *acalmação*:

⁵ A marcação em itálico será feita pelas autoras do artigo para marcar os termos analisados nos trechos.

⁶ A utilização do *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, publicado pela Academia Brasileira de Letras, e não de outro como o *Dicionário Houaiss*, por exemplo, sabidamente tido como mais completo da língua, se deve basicamente ao interesse de se manter coerente ao objetivo deste trabalho: demonstrar como a variação das combinações usadas no processo de formação vocabular pode gerar diferentes efeitos de sentido. Com isso, não se está afirmando que a palavra *rebetamento* não exista ou não possa existir na língua portuguesa em uso no Brasil, mas sim que, no momento em que o uso foge do que comumente é utilizado, percebe-se a criatividade empregada no processo de derivação e a consequente geração de sentidos específicos.

Cada um por seu lado, em Portugal, em Espanha, os governos vieram ler comunicados tranquilizadores, garantiram formalmente que a situação não autoriza excessivas preocupações, estranha linguagem, e também que se encontram assegurados todos os meios para salvaguarda de pessoas e bens, enfim, foram à televisão os chefes de governo, e depois, para *acalmação* dos ânimos inquietos, apareceram também o rei de lá e o presidente de cá (SARAMAGO, 2017, p. 41).

Na palavra *acalmação*, enquanto o previsível no Brasil é a utilização do sufixo verbal *-ar*, é empregado o sufixo *-ção*, transformando o elemento lexical em um substantivo para designar o sentimento que se deseja desencadear junto à população em geral: *acalmar* os ânimos. O termo *acalmação* parece criar um efeito de maior identidade do narrador e, com isso, da narrativa, com o grupo de pessoas ao qual deve ser aplicado – a população em geral, já tão alterada em seus humores pelo incidente de descolamento da Península Ibérica do restante do continente. O uso de *acalmar*, por sua vez, conferiria um tom mais requintado ao segmento, mas também mais corriqueiro. Sobre situações semelhantes a essa, em que se tem a opção por um substantivo, e não por um verbo, Sandmann (1988, p. 48) afirma que “mesmo que o verbo não tenha sido formulado ou formado explicitamente, ele está presente no corpo fônico e no conteúdo do substantivo [...] e na consciência do falante/ouvinte”. A ideia da ação, portanto, está resguardada, acrescida do tom popular adequado ao contexto.

No caso a seguir, o termo que morfologicamente chama a atenção é *inventadora*:

Mas quando todas as luzes da península se apagaram ao mesmo tempo, apagón lhe chamaram depois em Espanha, negrum numa aldeia portuguesa ainda *inventadora* de palavras, quando quinhentos e oitenta e um mil quilómetros quadrados de terras se tornaram invisíveis na face do mundo, então não houve mais dúvidas, o fim de tudo chegara (SARAMAGO, 2017, p. 35).

Em *inventadora*, tem-se a formação de um substantivo a partir de um verbo, substantivo esse que, como aponta Sandmann (1988, p. 53), está sendo empregado adjetivamente, complementando *aldeia portuguesa*. O sufixo *-dor*, e seu

correspondente feminino *-dora*, dá ideia de agente – *aquele que inventa*. Ele é utilizado também na língua portuguesa brasileira, como em *comentador, contador, amolador*. Porém, em Saramago, no contexto em que aparece, o sufixo dá um tom de informalidade à ação que designa. Ter-se-ia, no Brasil, em situações usuais, a formação *inventora*. Há, pois, uma nítida intencionalidade na escolha da forma de sufixação do vocábulo, afinal trata-se, como se lê no fragmento, de uma comunidade que *inventava palavras*, e se ela as inventava, então nada mais coerente do que o emprego do *inventadora*, que causa o estranhamento e demonstra a capacidade de fazer diferente – tanto daquela comunidade como especialmente do próprio narrador.

Novamente, aqui, é preciso lembrar: a escolha feita no eixo paradigmático, no que tange ao arranjo entre o radical e os sufixos disponíveis no sistema da língua, está absolutamente alinhada no eixo sintagmático de forma a contribuir para a ideia de criatividade no uso da fala – tanto da comunidade da qual se fala quanto daquele que narra a história.

Processo muito semelhante ao descrito é o que inclui a palavra *desenhadores*:

Já vão nas terras de além os viajantes, com seu dossel de pássaros acompanhantes, a caminho de Granada e arredores, e hão-de ter de pedir ajuda nas encruzilhadas, pois este mapa que os leva não registra a povoação de Orce, é grande a falta de sensibilidade dos *desenhadores* topógrafos, aposto que da terra deles nunca se esqueceram (SARAMAGO, 2017, p. 66).

De acordo com Sandmann (1988, p. 42-43), o sufixo *-ista* agrega aos substantivos derivados de outros substantivos a ideia de agente, significando *emprego* ou *ocupação*. Tem-se, daí, a formação *desenhista*. Em Saramago (2017), porém, o sufixo utilizado é o *-ador*, combinação apenas verificável em outros casos, como *lenha-lenhador, contador*. No contexto discursivo em que é empregado o item lexical *desenhador*, o substantivo contribui para exprimir dois significados complementares: em primeiro lugar, o sujeito responsável pela confecção do mapa referido parece ter cometido um erro tão primário aos olhos do narrador que o termo que se emprega para designar a sua profissão passa um tom quase que de infantilidade – o *desenhador* cumpriria sua função, assim, de forma muito menos profissional, muito mais primária do que um *desenhista*; outro significado passível pode ser o de demonstrar o estranhamento do

narrador em relação à profissão de topógrafo, parecendo julgá-la algo que, ao mesmo tempo em que é pouco comum, também é algo simples em termos de execução – trata-se, como diz o próprio narrador, apenas de fazer o devido registro das povoações e, por meio disso, orientar os viajantes, o que, apesar da sua simplicidade, não é bem executado pelos topógrafos citados pelo narrador.

Um último caso de derivação sufixal a ser mencionado neste trabalho é o que ocorre no excerto a seguir, em que aparece o termo *gasolineiros*:

Pelo caminho Dois Cavalos foi bebendo onde calhava, alguns postos mostravam letreiro de esgotado, mas os *gasolineiros* diziam Mañana, estes são da espécie otimista ou talvez, simplesmente, tivessem aprendido a regra do bom viver (SARAMAGO, 2017, p. 73).

Como aponta Almeida (1999, p. 394), o sufixo *-eiro(a)* significa agente, ofício, profissão, como em *boiadeiro*, *doceiro*, *barbeiro*, *rendeira*. Entretanto, ao contrário das situações anteriores, em que os elementos lexicais resultantes da derivação possuíam uma variante na língua portuguesa em uso no Brasil, em *gasolineiros* essa equivalência não ocorre: há o substantivo *gasolina*, mas nenhum derivado dele⁷. O funcionário que atende os clientes no posto de gasolina é designado, no Brasil, de *frentista*, palavra que, etimologicamente, não guarda nenhuma relação com o termo *gasolina*.

O que há, portanto, em *gasolineiro*, é a utilização de um termo novo, embora utilizado muito em Portugal, no Brasil não se utiliza para designar o trabalhador de um posto de gasolina, o que, como nos casos anteriores, não implica dificuldade alguma no entendimento, dado que ambos os elementos – radical e sufixo *-eiro* – estão disponíveis no paradigma linguístico e, combinados, compõem um novo item lexical coerente no eixo sintagmático. O novo, em todos os casos tratados aqui, além de não implicar dificuldades ao entendimento, marca um estilo diferenciado, que traz à tona uma linguagem estabelecida com base nos paradigmas da língua: se quem lida com pedra é *pedreiro*, quem faz pão é *padeiro*, então quem trabalha com a gasolina é *gasolineiro*.

Analisados os itens anteriores e considerando-se, ainda, outros que não serão dissecados dados os limites deste trabalho – como *descaiu*, *mandar* e *contramandar* –,

⁷ Novamente, a referência aqui está ancorada no *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras (2008, p. 626), como estão todos os demais casos analisados neste trabalho.

pode-se afirmar que em Saramago (2017), por vezes, ocorre um processo de utilização de novos termos através da derivação por sufixação, que instaura diferentes efeitos de sentido.

Isso não significa, contudo, que não ocorre a derivação por prefixação, como se vê a seguir:

O mapa desdobrado mostrava as duas pátrias, Portugal suspenso, Espanha *desmandibulada* a sul, e as regiões, as províncias, os distritos, o grosso cascalho das cidades maiores (SARAMAGO, 2017, p. 90).

Desmandibulada se origina a partir da união, ao radical *mandíbula*, de um sufixo *-ada* e de um prefixo *des-*, esse significando separação, afastamento (ALMEIDA, 1999, p. 387). A palavra que surge dessa combinação não faz parte do repertório comum de um falante nativo do português do Brasil, o que, como nos casos anteriormente descritos, não só não impede o entendimento como constrói um sentido metafórico peculiar, mas lexicalizado, pois forma parte das entradas lexicais dos dicionários, original e adequado ao contexto narrativo: a *mandíbula* é o osso da face, em forma de arco, onde estão implantados os dentes da arcada inferior; *desmandibulada*, então, seria a situação da Espanha desprendida do restante da Europa – figurativamente representada pela parte principal da cabeça, portanto. Além disso, a mandíbula é a única parte passível de uma significativa movimentação lateral ou verticalmente no rosto, o que poderia justificar a metáfora do desprendimento, ao contrário, por exemplo, dos olhos, que não se poderiam desprender.

O mesmo prefixo *des-* aparece no excerto a seguir:

Tão absortos iam os viajantes nas belezas da urbe e raptos da obra portentosa, que nem se deram fé do *despavorimento* que de súbito tomou os estorninhos (SARAMAGO, 2017, p. 103).

A análise mórfica da palavra *despavorimento* leva à percepção do radical combinado com o sufixo *-mento* e o prefixo *des-*. A palavra *pavor* é normalmente associada, por exemplo, ao prefixo *a-*, como em *apavoramento*, sendo o *a-* responsável pela ideia de aproximação, alinhamento – *apavoramento* seria, então, a aproximação do

pavor. No português usado no Brasil, porém, não há constatação da ocorrência do termo *despavoramento*, tampouco de *despavorimento*. No contexto em que aparece, a palavra veicula a ideia de perda do pavor, estando, portanto, semanticamente alinhada à situação descrita pelo narrador, quando descreve a súbita confiança de que são tomados os pássaros que acompanham o personagem José Anaiço ao longo de boa parte da viagem relatada na obra *A jangada de pedra*. Os pássaros – fica claro por meio da construção – não estavam apenas assustados, ou ariscos, como é da sua natureza, mas apavorados, e, na cena descrita, tão encantadora é a paisagem que é capaz de inebriar os personagens viajantes e fazer com que os pássaros momentaneamente esquecessem sua própria natureza arredia – ficando, pois, *despavoridos*!

Reflexões finais

Saramago é um autor sobre o qual cabem, ainda e sempre, muitos estudos sobre a linguagem e os recursos mobilizados. O presente trabalho fez a análise de algumas das estratégias de formação vocabular exploradas pelo autor e que – acredita-se – pode ser considerada uma das características estilísticas dele, ao lado, por exemplo, da ausência de uma pontuação convencional, do uso subversivo da letra maiúscula depois de vírgulas e da mistura do discurso direto, indireto e indireto livre.

Buscou-se especialmente mostrar alguns casos em que se modaliza a língua tendo em vista o intuito de criar determinado efeito de sentido através de um uso não convencional da língua portuguesa, explorando combinações possíveis em termos paradigmáticos mas não usadas de maneira convencional no português empregado no Brasil. Partiu-se do pressuposto de que há, sempre, uma intenção comunicativa por trás de cada escolha linguística e, sabendo-se que a obra de Saramago sofre adaptações para a publicação no Brasil, é adequado pensar que se outras características da língua portuguesa de Portugal foram omitidas na publicação da obra no Brasil e as diferentes formatações morfológicas foram mantidas, isso é relevante e desejado em termos de criação do sentido.

Toda essa discussão ancorou-se no princípio básico de que a seleção dos itens lexicais está devidamente prevista nas possibilidades já estabelecidas na linguagem – o que Saussure designa como eixo paradigmático. Assim, os rearranjos efetuados por Saramago no processo de derivação lexical fazem com que o leitor faça analogias com

outros itens lexicais, através do que consegue construir o significado dos termos de forma inusitada instaurados no texto e estabelecer, no eixo sintagmático, seu sentido.

Com isso, tentou-se ser fiel à ideia de que é preciso, sim, analisar a língua na sua natureza de signo, da forma, do eixo paradigmático e sintagmático, de maneira a mostrar que os enunciados são gestados como possíveis combinações de múltiplas seleções. Tais seleções, arranjos e rearranjos sempre criam certo efeito de sentido, o que torna imprescindível que a forma seja analisada também na perspectiva do sentido. Assim, pode-se, enfim, analisar a língua enquanto discurso, ou seja, na mobilização dos significados.

Espera-se, desta maneira, ter contribuído para pesquisas na área de estudos do texto, e, de alguma forma, motivar para que investigações acerca do uso da língua e seus sentidos continuem sendo feitas, pois ao longo do texto pôde-se perceber que a estrutura está profundamente relacionada com as escolhas realizadas pelo escritor.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- ALMEIDA, N. M de. *Gramática metódica da língua portuguesa: curso único e completo*. 43. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- CÂMARA JR., J. M. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- CARDOSO, E. de A. Cruzamentos lexicais no discurso literário. *Revista Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 214-222, 2010. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/EL_v39_n1_Integra.pdf. Acesso em: 16 mar. 2019.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- PAZ, D. M. dos S.; PINTON, F. M.; ROTTAVA, L.; ENDRUWEIT, M. L. *Orientações sobre a nova ortografia da Língua Portuguesa do Brasil – o que mudou*. Porto Alegre: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2008.
- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone, 1988.

SARAMAGO, J. *A jangada de pedra*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.